

ACERVO FOTOGRÁFICO: A IMPORTÂNCIA DE REGISTRAR O QUADRO ANTIGO DO CEMITÉRIO ECUMÊNICO SÃO FRANCISCO DE PAULA

Bruna Rajão Frio¹
Carla Rodrigues Gastaud²

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal perceber a importância da criação de um acervo fotográfico do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula. Encontra-se nos cemitérios toda uma representação simbólica do universo social de uma época, o que possibilita diferentes análises, por possuírem elementos que demonstram a história social e artística das regiões através da estatuária, das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos. A preocupação em criar um acervo do Quadro Antigo dá-se devido à delicada situação em que o local encontra-se, devido a constantes roubos e as intempéries do tempo. Nas sepulturas do local é possível observar, pelos adornos, que eram para o sepultamento das pessoas da burguesia, ou de irmandades, pois algumas lápides apresentam brasões ou elementos representativos das profissões. Isto faz com que a área do Quadro Antigo represente o espaço mais importante do Cemitério e recupere grande parte da história de Pelotas. Portanto, um acervo fotográfico, tratado tecnicamente e organizado segundo princípios arquivísticos, será uma contribuição valiosa para a pesquisa histórica. Concluiu-se com este trabalho que um acervo fotográfico permitirá que o Quadro Antigo do Cemitério seja conhecido e reconhecido como patrimônio, um local onde se pode extrair conhecimento histórico, artístico e cultural sobre a cidade, ser interpretado como um local onde a visita é uma experiência positiva e não ser visto como local onde se prezam somente os devidos respeito e lamúria aos mortos.

Palavras-chave: Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula. Acervo Fotográfico. Patrimônio. Pelotas

Introdução

Em dois de novembro de dois mil e cinco a capa do jornal local Diário Popular estampava a manchete “A aristocracia sob guarda no Fragata”, onde o senhor Ricardo Rojas, zelador do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, alertava para a delicada situação em que, já naquela época, o local se encontrava. Como um lugar tão belo e com tal importância para a cidade de Pelotas poderia estar tão abandonado e esquecido? Sem nenhum documento oficial sobre o local, a não ser um livro comemorativo ao sesquicentenário da mantenedora, a Santa Casa de Misericórdia,

¹ Bacharel em Turismo, Especialista em Gestão de Eventos e Hotelaria, Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, bolsista FAPERGS, bruna.frio@gmail.com

² Licenciada em História, Mestre em História, Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas, crgastaud@gmail.com

escrito em 1984 e com o único conhecedor da parte antiga, o senhor Ricardo, em vias de aposentadoria, o que aconteceria com o Quadro Antigo e tudo que o compõe?

Se existe um fenômeno que é sempre atual e vivido – seja física ou afetivamente – é o da memória. A rememoração auxilia a recomposição da relação entre passado e presente, além de ser considerada uma estratégia de sobrevivência emocional. Como afirma Bosi (1994, p. 48) “o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente”, afinal, segundo Bergson (1999) é do presente que se parte o chamado ao qual a lembrança responde.

A memória está vinculada à identidade do sujeito e à sensação de pertencimento do mesmo a determinado grupo social, afinal, “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”. (CANDAU, 2012, p. 132) Muito mais do que saber para onde vai, o sujeito é como o pássaro Goofus Bird³, utiliza a memória para saber de onde vem.

Le Goff (2003, p. 437) salienta:

A memória é a quinta operação retórica: depois da *inventio* (encontrar o que dizer), a *dispositio* (colocar em ordem o que se encontrou), a *elocutio* (acrescentar o ornamento das palavras e das figuras), a *actio* (recitar o discurso como um ator, por gestos e pela dicção) e, enfim, a memória (*memoriae mandare*, “recorrer à memória).

Poderíamos afirmar que apenas a memória seria capaz de alimentar nosso sentimento de continuidade, porém, também o patrimônio “assegura a continuidade – de um passado regenerado a um futuro estabilizado. Ele pode configurar a permanência dos valores e dos recursos diante da incerteza do futuro” (POULOT, 2009, p. 25).

O patrimônio pode ser considerado, portanto, “uma dimensão da memória” (CANDAU, 2012, p. 16), pois auxilia no fortalecimento da identidade individual e coletiva. Qualquer sociedade exige que sua memória seja bem cuidada e o patrimônio auxilia o trabalho da memória de um lugar e de um grupo.

“O apelo que nossa sociedade faz de preservação de sua memória é, em última instância, a necessidade de reconstituição de si mesma, encarada como algo formado no passado para o presente” (ARÉVALO, 2005, p. 03), pois as memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e

³ “Um pássaro que constrói seu ninho ao inverso e voa para trás, porque ele não se preocupa em saber onde vai, mas de onde vem” (BORGES & GUERRERO, 1965, p.89).

cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções.

As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade transformam-se em verdadeiros lugares de memória (GASTAL, 2002, p.77).

Os cemitérios podem nos dar valiosas informações, afinal, de acordo com Bellomo (2000), são fonte histórica para a preservação da memória familiar e coletiva, fonte de estudo das crenças religiosas, forma de expressão do gosto artístico, forma de expressão da ideologia política, fonte para conhecer a formação étnica, fonte para estudo da genealogia, fonte reveladora da perspectiva de vida de uma sociedade.

Uma pesquisa inicial permite identificar, hoje em dia, nos cemitérios oitocentistas, toda uma representação simbólica do universo social da época de sua construção, no século XIX, possibilitando diferentes análises dos fenômenos relacionados à dinâmica cultural. Afinal, já existia na elite o anseio de monumentalizar-se perante a comunidade. Bellomo (2000, p.15) destaca:

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe em discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas sócio-econômicas e ideologias. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para o conhecimento histórico.

De acordo com Vaz (2007, p.60) “outra função que assumem os cemitérios é a da demarcação social. Os mais abastados recebiam sepultura nas igrejas ou edificavam mausoléus, como pequenas reproduções de igrejas nos cemitérios”. Tal situação já ocorria quando os enterros eram realizados nas igrejas “o que definia o mapa social do espaço funerário não era a igreja, mas o tipo de sepultura, se no adro ou no corpo do templo, perpétua ou comum, de irmandade ou não, perto ou longe dos altares, em carneiras ou no chão” (REIS, 1991, p.191).

A consideração pelo morto levou as famílias da cidade a ornarem os seus túmulos, diferenciando-os, trazendo personalidade, valores e ideais aos jazigos, afinal, o

morto é o benemérito, reconhecido pelos seus feitos, para que os vivos o reconheçam em morte tal como foi reconhecido em vida. Desta forma, “o cemitério católico emerge dos descampados como um suntuoso jardim: o túmulo torna-se um artigo de arte, consagrando um estilo, uma época, uma sociedade e sua economia” (CARVALHO, 2005, p.10).

As famílias, a partir da primeira metade do século XX, contratavam construtores e escultores de renome, em sua maioria de origem italiana ou com formação na Europa, para construir e ornamentar os túmulos de seus entes queridos. Tais monumentos ajudariam a perpetuar a memória do morto e da sociedade. O falecido deveria ter uma ‘morada’ digna de sua importância social e de sua família.

A partir de tal cultura, o cemitério tornou-se um local pleno de significações que se inserem no campo dos dogmas, superstições, lendas e verdades. Apesar da aparência muitas vezes triste, os cemitérios podem guardar ricas surpresas para quem se dispõe a procurar.

Um passeio por esses locais vale por uma boa aula de história. Apesar de inusitadas, visitas aos túmulos são uma forma interessante de volta ao passado, afinal, é possível perceber desde o movimento artístico à religiosidade da época, e até mesmo as datas de nascimento e morte das pessoas enterradas causam curiosidade.

Por estas razões a preservação dos jazigos é fundamental, pois não há dúvida de que são patrimônio. Há quem tenha interesse em saber, que importância tiveram as pessoas que estão enterradas lá para o desenvolvimento da cidade.

Acredita-se que assim como as praças, os prédios e as ruas, o cemitério deveria ser conhecido e reconhecido como patrimônio, não ser visto apenas como local onde se prestam respeito e se lamentam os mortos, mas também como um local de onde se pode extrair conhecimento histórico, artístico e cultural sobre a cidade.

Na tentativa de salvaguardar este patrimônio da cidade de Pelotas, o objetivo deste trabalho é perceber a importância da criação de um acervo fotográfico do Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula.

Sobre o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula

A área que corresponde ao Quadro Antigo é onde o atual cemitério teve origem. Sua construção data da segunda metade do século XIX, e deu-se em consequência da epidemia de cólera, que lotou o Cemitério do Passeio (que não existe mais), além de questões de higiene e planejamento urbano. É importante salientar que também os corpos enterrados no Cemitério do Passeio⁴ foram trasladados para o novo Cemitério da cidade.

O Quadro Antigo é dividido em quatro faces igualmente cortadas por duas avenidas que se cruzam ao centro.

A primeira avenida encontra-se a frente do portão de entrada e segue em direção a Capela do Senhor do Bonfim e a segunda avenida segue em direção a um pequeno portão, do lado leste, que dá entrada lateral para uma parte mais nova do cemitério. Um número considerável de palmeiras (FOTOGRAFIA 1) integra a paisagem.

FOTOGRAFIA 1 – Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula



Fonte: Diogo Sallaberry, 2009

⁴ O Cemitério do Passeio tinha “frente a leste pela rua Andrade Neves, fundos a oeste até a rua General Osório, face ao sul pela Bento Gonçalves e para norte ao campo aberto que havia aí, onde faziam os sepultamentos. os cadáveres, depois da encomendação, eram da Matriz até ali, levados à mão” (MAGALHÃES, 1997, p. 130).

Os quatro quadrantes do Quadro Antigo possuem túmulos de diversos tipos, sendo os mais simples carneiras de chão e os mais elaborados capelas e mausoléus.

Melhor do que qualquer outro lugar, os cemitérios construídos na segunda metade do século XIX refletiram visões de mundo de diferentes grupos sociais, expressas por meio de modos socialmente apreendidos de viver que incluem comportamentos, ideias, crenças e valores (MOTTA, 2011, p. 218).

As datas de falecimento dos mortos no local permite-nos analisar que o maior número de construções deu-se entre 19860 e 1980. Não há um padrão do tipo de túmulo, nem mesmo do material empregado para estas construções (FOTOGRAFIA 2).

FOTOGRAFIA 2 – Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula



Fonte: Diogo Sallaberry, 2009

Pensando nisto, entendemos que “a versatilidade dos cemitérios como fontes de informações e a identidade cultural que preservam, convidam a pensar sobre seu valor patrimonial”. (NEITZKE, 2010, p. 543)

Caminhando pelo Quadro Antigo nos deparamos com estátuas, vasos, bustos, fotos, cruzeiros, santos. A imponência dos túmulos, assim como das construções no centro da cidade (hoje tombado e considerado Patrimônio Cultural), faz-nos perceber que os cidadãos tinham ali, um novo espaço para construção de sua identidade.

Acreditamos que toda vez que os recursos permitiram às famílias exaltar as características de seus entes, estas o fizeram. "Os autores de projetos de cemitério do século XIX desejavam que fossem ao mesmo tempo parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres, como a Catedral de S. Paulo, em Londres" (ABREU, 1994, p. 208).

Os cemitérios oitocentistas, com suas evidências alegóricas, de cenários operáticos e de convulsiva dramaticidade [...] esses lugares de enterramento desempenharam uma espécie de eficácia simbólica da conservação e da memória, materializada na monumentalidade arquitetônica de seus túmulos individualizados (MOTTA, 2011, p. 281).

Nas sepulturas é possível observar, pelos adornos, que eram para o sepultamento das pessoas da burguesia, ou de irmandades, pois algumas lápides apresentam brasões (de Barões, Coronéis e suas famílias) ou elementos representativos das profissões (médicos, advogados, engenheiros, entre outros). Isto faz com que a área do Quadro Antigo represente o espaço mais importante do Cemitério e recupere grande parte da história de Pelotas. Afinal, em um passeio pelo Quadro Antigo podemos nos deparar com o túmulo de "ilustres moradores" como Barão de Arroio Grande em uma parede, Visconde da Graça em jazigo, Barão de Santa Tecla em uma Capela, Coronel Pedro Osório em um mausoléu próximo à capela, o escultor Antonio Caringi em um mausoléu com estátua de bronze confeccionada pelo próprio antes da morte, Salis Goulart em uma carneira de chão, um busto homenageando Frederico Bastos, Edmundo Berchon em um mausoléu, Mozart Russomano em um mausoléu, entre tantos outros. Tais túmulos costumam ser visitados pelas famílias e também por estudantes e curiosos em busca de informações.

Ao caminhar entre os jazigos, perambula-se por um verdadeiro labirinto funerário. A ausência de uma distribuição de espaço dificulta o inventário, por exemplo, no momento de identificar a localização exata de um túmulo. Na lateral direita da Capela do Senhor do Bonfim estão localizados as sepulturas pertencentes às

Irmandades: a de Nossa Senhora do Rosário, que após sua dissolução ficou para a Santa Casa, e a Irmandade de São Miguel e Almas. As demais extensões de catacumbas são particulares, ou pertencentes à Santa Casa. A ornamentação das sepulturas e a existência de um terreno mais ao fundo para o enterramento dos menos favorecidos em sepulturas de chão, nos permite perceber a carga elitista do local.

Imagens, memória e acervo fotográfico

Imagens invadem a vida diariamente. As novas tecnologias levam a fotografia, o cinema, o vídeo e os computadores a diferentes formas de reprodução audiovisual e impõem a presença das imagens como forma de comunicação de massa. Neste sentido, a fotografia é uma forma importante de registro visual, ou seja, de memória. Como afirma Fontcuberta (1997, p. 56):

Tanto nuestra noción de lo real como La esencia de nuestra identidad individual dependen de la memoria. No somos sino memoria. La fotografía, pues, es una actividad fundamental para definirnos que abre una doble via de ascesis hacia la autoafirmación y el conocimiento.

Seja em uma versão analógica ou digital, a máquina fotográfica, há muito, apresenta-se como companheira inseparável do homem. Acredita-se que

tudo que não é fotografado é perdido, que é como se não tivesse existido, e que então para viver de verdade é preciso fotografar o mais que se possa, e para fotografar o mais que se possa é preciso: ou viver de um modo o mais fotografável possível, ou então considerar fotografáveis todos os momentos da própria vida. (CALVINO, 1992, p. 53)

Portanto, durante uma viagem para a Europa, ou numa ida ao parque com os filhos, a máquina faz-se presente. As fotos, reveladas ou, mais comumente, baixadas para o computador, serão mostradas para amigos e parentes, antes de serem depositadas num canto qualquer, de onde surgirão, vez ou outra, para surpreender e rememorar. Afinal, é função da fotografia “informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade” (BARTHES, 1984, p. 48-49).

Um fotógrafo de qualidade é aquele que consegue, através de seu registro, conduzir nosso olhar para aquilo que, em princípio, nossos olhos não veriam. Portanto, a melhor luz, um dia favorável, o ângulo mais adequado serão sempre imprescindíveis para auxiliar-nos na “leitura” que faremos da imagem. Além disso, tais fatores contribuirão para a transmissão do “sentimento” da imagem.

Uma fotografia pode nos deixar tristes, alegres, entusiasmados, românticos ou até com raiva. E não são apenas os ícones presentes na imagem os responsáveis por tais reações. O bom fotógrafo capta muito além do que se vê: um clima, uma cor, uma luz, uma aura. E, ao mesmo tempo em que a fotografia nos “fala” ela deve ser silenciosa:

não se trata de uma questão de “discrição”, mas de música. A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio). A foto me toca se a retiro de seu blabláblá costumeiro: “técnica”, “realidade”, “reportagem”, “arte”, nada dizer, fechar os olhos, deixar o detalhe remontar sozinho à consciência afetiva (BARTHES, 1984, p. 84).

A partir da década de 80, a fotografia vem sendo utilizada “como recurso de documentação, de análise, como meio de recuperação, retenção e transmissão do conhecimento” (LEITE, 1993, p. 143). O documento fotográfico pode ser considerado como fonte histórica para pesquisa em várias áreas do conhecimento.

Tem sido usado para conhecimento visual do passado como “resgate da memória visual do homem e do seu entorno sócio-cultural” (KOSSOY, 1989, p. 36), pois “informar, essa terá sido, sem dúvida, a função mais importante atribuída à fotografia-documento” (ROUILLÉ, 2009, p. 126).

Portanto, o acervo fotográfico, tratado tecnicamente e organizado segundo princípios arquivísticos, será uma contribuição valiosa para a pesquisa histórica. Afinal,

na forma de imagens fotográficas, novos usos são atribuídos às coisas e eventos, novos significados lhes são dados, os quais vão além da distinção entre belo e feio, verdadeiro e falso, útil e inútil, bom gosto e mau gosto. A fotografia é um dos principais instrumentos para a obtenção daquela qualidade, que apaga tais diferenças, adstricta às coisas e situações: “o interessante” (SONTAG, 2004, p. 167).

Acredita-se que um acervo de imagens seria uma forma de salvaguardar o patrimônio existente no Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de

Paula. A intenção primária é de manter este acervo entre os documentos pertencentes à Santa Casa de Misericórdia, porém, não é única. Devido à beleza e riqueza das obras presentes no Quadro Antigo pretende-se fazer uma exposição das fotografias oficiais, além de disponibilizar as mesmas em formato digital em um site oficial. Juntamente as fotos, haverá o crédito do fotógrafo, a localização exata da obra no Quadro Antigo, a quem o túmulo pertence, o estilo, o autor da obra, tipo de mármore e o ano, para que se entenda também um pouco sobre o contexto histórico da cidade na época da construção do local.

Tal proposta justifica-se no pensamento de Artières (1998, p. 07) de que “nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano”.

Considerações Finais

Este trabalho teve início, como relatado acima, após o alerta feito em jornal local para a situação de abandono que o Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula encontrava-se naquela época (e ainda hoje).

Em conversa com o vice-provedor da Santa Casa de Misericórdia – mantenedora do Quadro Antigo -, senhor Oswaldo Costa Filho, foi informado que há sim, interesse por parte da mesma, em solucionar os problemas dos furtos, do desgaste temporal das obras e da situação de abandono do local. Alguns trabalhos envolvendo alunos dos cursos de turismo, museologia, conservação e restauro, história e artes já foram feitos a respeito, sempre com a intenção de perceber o Quadro Antigo como fonte de pesquisa e de interesse.

A criação de um acervo é uma forma de documentação importantíssima, afinal, através dele poderíamos ajudar a fixar características das obras e do Quadro Antigo como um todo.

É importante salientar que em função de inúmeros roubos, da situação de abandono, e do desgaste natural do tempo, a paisagem do Quadro Antigo encontra-se em constante alteração. Um acervo fotográfico, portanto, seria uma solução ideal, afinal, na “fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado” (BARTHES, 1984, p. 87).

Além disso, o acervo permite também que o cemitério seja conhecido e reconhecido como patrimônio, um local onde se pode extrair conhecimento histórico, artístico e cultural sobre a cidade, ser interpretado como um local onde a visita é uma experiência positiva e não ser visto apenas como local onde se prezam somente os devidos respeito e lamúria aos mortos.

Referências

- ABREU, Regina. *Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados*. In: **Estudos Históricos**, vol. 7, 205-230. 1994.
- ARÉVALO, Maria Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**. In: REVISTA HISTÓRIA HOJE. v. 3, n. 7, 2005.
- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida** In: Arquivos pessoais – Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, vol 11, nº 21, 1998.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória : ensaio sobre a relação do corpo com o Espírito**. 2- ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1999.
- BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Italo. *A aventura de um fotógrafo*. In: CALVINO, I. **Os amores difíceis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Biografia, Identidade e Narrativa: elementos para uma análise hermenêutica**. In: HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, Porto Alegre, ano 9. n. 19, julho de 2003.
- FONTCUBERTA, Joan. *El arte de la amnesia*. In: FONTCUBERTA, J. **El beso de Judas: fotografía y verdad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
- GASTAL, Susana. *Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local*. In: Gastal, S. (org). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática: 1989.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Mundial, 1993.
- MOTTA, Antonio. **Museu da Morte: patrimônios familiares e coleções**. Rio de Janeiro: Imo's, 2011.

NEITZKE, Luiza F. C. de. **Entre a lembrança e o esquecimento: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul.** Bahia: Cachoeira, 2010.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: Editora Senac SP, 2009.

SONTAG, Susan. *O mundo-imagem.* In: SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VAZ, Samuel Campos. **Imagens e representações da morte no cemitério da cidade de Goiás: semelhanças e diferenças.** Goiânia: Editora UFG, 2007.